ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA: UM INSTRUMENTO DE EMPODERAMENTO

La mediación de una lectura literaria en el aula: un instrumento de empoderamiento

Kelly Mara Soares Dornelles[i]
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: Este artigo tem como ideia central a mediação do uso da literatura em sala de aula com a função de humanizar os leitores e o uso da linguagem como fator fundamental de empoderamento do indivíduo. Usarei para análise o conto *Paco Yunque,* do escritor peruano César Vallejo. Esse trabalho se fundamentará nos trabalhos de Freire, Candido, Achugar, Mignolo, Santiago e Bonnici, dentre outros. Através da leitura do conto o aluno observará que o enredo é como uma representação da sua realidade, levando-o à outra condição intelectual. Essa reflexão fará com que os alunos se manifestem, revelando sua situação de empoderamento.

Palavras-chave: Literatura latina americana. Leitura. Empoderamento.

Resumen: Este artículo tiene como idea central la mediación del uso de la literatura en las clases con la función de humanizar los lectores y el uso del lenguage como fator fundamental de empoderamento del individuo, utilizaré para el análisis el cuento *Paco yunque,* del escritor peruano César Vallejo. Ese trabajo se fundamentará en los trabajos de Freire, Candido, Achugar, Mignolo, Santiago e Bonnici entre otros. Por médio de la lectura del cuento el alumno observará que el enredo es como una representación de su realidad llevándole a outra condición intelectual. Esa reflexión proporcionará la manifestación de los alumnos, revelando su situación de empoderamento.

Palabras-clave: Literatura Latina Americana. Lectura. Empoderamento.

Introdução

[1]A desigualdade tem sido marca constante na História da humanidade. Para tentarmos compreender as injustiças sociais cometidas, precisaremos entender que as desigualdades sociais sempre foram a grande vilã da história. Poder e dinheiro sempre formaram a linha que separa opressor e oprimido. Por acreditar que a linguagem e o conhecimento são umas das únicas maneiras de se libertar dessa

[1] Parte desse artigo foi publicado no periódico eletrônico Espéculo – revista de estudios literários – e pode ser acessada através do link: http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/. Houve alteração no título e expansão sobre o item que fala a respeito do mediador.

opressão, apresento neste artigo a leitura como incentivo para ação contra o opressor, ação essa chamada de empoderamento.

No primeiro item, veremos o que motivou a mudança no enfoque dos estudos literários e o que essa mudança representa. No segundo, destacaremos dois elementos importantes deste processo, o opressor e o oprimido, e as consequências e motivações disso. No terceiro e último item, veremos como essa situação pode ser remediada e que ação praticar por intermédio da literatura.

E, para finalizar, apresentaremos o objetivo do nosso trabalho, e qual a aplicabilidade no meio educacional e social. Usaremos como escopo do trabalho o termo empoderamento, onde analisaremos o conto com algumas perspectivas do pós-colonialismo e o uso desta análise em sala de aula.

Estudos Culturais e Literatura Latina Americana

Desde o início da civilização, os conflitos em busca de identidade, de poder e de cultura promovem as diferenças, o saber e o discurso na sociedade. Essas disputas dão origem a um trio conflitual de lutas de classe, de gênero e de etnias, tríade esta que irá inspirar e guiar os Estudos Culturais[2].

Os estudos Culturais surgiram na Grã Bretanha, em meados dos anos 50, provocando profundas mudanças nos métodos de abordagem da Literatura comparada. Derivados de uma corrente chamada *leavisismo*[3], oriundos do trabalho de Frank Raimond Leavis (1952) contrapõem-se a esse trabalho Raymond Williams (1969) e Richard Hoggart (2003), vindos das classes operárias inglesa, começam a ter opiniões que divergem do leavisismo: ao mesmo tempo em que concordavam que os cânones eram mais ricos que a cultura de massa, discordavam pelo fato do cânone não chegar a ter contato com essa cultura (massa).

Com tantas ambivalências, E.P.Thompson (1968) argumenta que a identidade do operário será sempre envolta em elementos de política e conflitos. Somente em 1964, Richard Hoggart funda o núcleo de pesquisa denominado O Centro, que estuda a relação de cultura contemporânea e sociedade, e essas mudanças sociais serão o eixo da nossa pesquisa.

[2]PRYSTHON, Angela. Histórias da teoria: os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América Latina. Revista Interin , v. 9, n 1, 2012.

[3]O leavisismo foi uma tentativa de redisseminar o agora chamado "capital cultural" (Bourdieu) e para isso Leavis propunha usar o sistema educacional para distribuir mais amplamente (para todas as classes) conhecimento e apreciação literários baseados numa "grande tradição", no cânone da alta cultura. (PRYSTON, 2012, p.2)

Ideologias como Marxismo[4] e Semiótica[5] também formam a base dos Estudos Culturais (E.C). Será Stuart Hall (2006 apud CEVASCO, 2003), um dos seus fundadores e precursores que dará um toque estruturalista ao movimento, enfocando o exame das práticas significantes e processos discursivos. Assim, correntes estruturalistas e culturalistas se entrecruzarão constantemente, marcando os Estudos Culturais, que terão o povo como foco de estudo, e a língua como instrumento para entendimento da cultura deste.

O povo (oprimido) como objeto de estudo provocará discussões profundas sobre a identidade cultural daquela parcela da sociedade. Stuart Hall (2006) discute essas questões em seu livro A identidade cultural na Pós Modernidade, através de um processo de "descentramento do sujeito''.

> A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ''preenchida'' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2006, p.39)

Assim, língua e literatura se transformam em instrumentos para desconstruir essa dependência cultural e desafiar as ordens até então vigentes. De acordo com Barzotto (2011) "é irônico e até mesmo cruel pensar que o sujeito colonizado deve apropriar-se da língua do colonizador para descrever sua experiência local na sociedade pós-colonial" (BARZOTTO, 2011, p. 34**).**

Essa fase de desconstrução é chamada de pós-colonialismo, e esses escritores fazem uso da própria língua do colonizador para formularem seus discursos nos processos colonizadores, onde se perderam muitas vidas, muitas histórias e principalmente a identidade daquele povo, assim provocando um processo inverso, o de revalorização cultural das margens, do subalterno.

Segundo Bonnici (1998, p.11), a literatura pós-colonial ocorre diante de dois fatores: conscientização nacional e afirmação diante das diferenças da literatura imperialista. Sendo assim, podemos considerar que "o discurso pós-colonial é subversivo e contradiscursivo ao passo que o discurso eurocêntrico é manipulador, catequizador e normativo'' (BARZOTTO, 2011, p.34).

[4]Marxismo é um sistema ideológico que critica radicalmente o capitalismo e proclama a emancipação da humanidade numa sociedade sem classes e igualitária.
[5]Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido.

Questões políticas marcaram os estudos culturais. Na América Latina, procura-se o diálogo com o subalterno que busca suas verdadeiras raízes. A colonização tardia da nossa sociedade nos leva a essa busca por respostas. Para isso, fazem uso dos movimentos literários, por essa razão se torna imprescindível a popularização do letramento. Somente assim seremos ouvidos, através de outra forma de concebermos a realidade que é através da literatura.

Assim, analisaremos a obra do peruano César Abraham Vallejo Mendoza (1892 - 1938), de raízes indígena e espanhola e conhecedor da miséria, sendo o caçula de onze irmãos. Seguidor das tendências da vanguarda, foi considerado pela crítica como um dos maiores poetas hispano-americanos do século XX e o maior poeta peruano. Grandes nomes como o do escritor uruguaio Mario Benedetti [6], que considerava o mais influente poeta da atualidade, comparava-o ao renomado chileno Pablo Neruda[7].

O também uruguaio Eduardo Galeano (2002) o chama de "o poeta dos vencidos'' (GALEANO, 2002, p. 14), termo usado em homenagem aos escritores latinos. As obras de Cesar Vallejo têm como marca sua tendência pós-moderna, como é o caso do seu primeiro livro Los Heraldos Negros (1917). Mais tarde, inspirado em suas aventuras boêmias, lança um segundo livro, onde o poema Trilce (1922) ganhará destaque por sua renovação de linguagem hispano-americana, e pela temática profunda da existência humana. Postumamente, toda sua obra foi reunida e publicada com o título de Poemas Humanos (1939).

O conto Paco Yunque (VALLEJO, 2005) foi o escolhido, por diversos motivos, para esta análise. Um deles é o fato da apaixonada fé do escritor em lutar por justiça e solidariedade; o personagem deste conto é considerado um ser emblemático da literatura peruana, pois o escritor denuncia que até mesmo as crianças podem ser cruéis quando as relações humanas não são mediadas por solidariedade e senso de justiça. Vallejo (1992) diz que "É sabido que quanto mais pessoal (repito, não digo individual) é a sensibilidade do artista, a sua obra torna-se mais universal e coletiva'' (VALLEJO, 1992, p 49).

É nesse sentido que a literatura desempenha a função de humanizar o indivíduo. Dessa forma, a seleção de um conto como Paco Yunque, que envolve diversos elos vistos nos estudos culturais, fará com que se perceba que a literatura humaniza o indivíduo, pois o ouvinte, ao compreender os fatores e as ideias que o escritor utilizou para escrever o

[6] Um dos principais poetas uruguaios.
[7] Um dos mais importantes poetas hispano.

conto, poderá se tornar um indivíduo que se conscientizará e que exercerá a sua cidadania, e, a partir disso, se tornará a voz que clama a justiça, fator esse que Paulo Freire (1987) chama de empoderamento.

O Opressor e o Oprimido
O silêncio como defesa

Em Paco Yunque[8], o autor relata a história de um menino maltratado na escola por outro garoto. Com uma linguagem infantil e direta, Vallejo trata com maestria de assuntos polêmicos como o problema das lutas de classe, a pressão que os fracos sofrem dos mais fortes, e as maldades e injustiças que se impõem a estes, usando como pano de fundo um acontecimento cotidiano em nossas salas de aula. Paco Yunque é uma criança muito tímida. Envergonhado, vai à escola com sua mãe, que o deixa ali no pátio, despertando curiosidade em seus colegas, que tentam se comunicar com ele. Parece ser uma anomalia a algazarra cometida por seus colegas. Notamos o zelo como Paco Yunque descreve o contexto em que está acostumado, o tom de respeito em relação ao silêncio. É como se falar em demasiado trouxesse consequências.

> Como eram espertas todas as crianças! Como eram desinibidas! Como se estivessem em sua própria casa. Gritavam. Corriam. Morriam de rir. Pulavam. Batiam uns nos outros. Era uma confusão. Paco também estava atordoado porque no campo não ouviu nunca soar tantas vozes de pessoas ao mesmo tempo. No campo primeiro falava um, depois outro, depois outro e depois outro. Às vezes, ouviu falar até quatro ou cinco pessoas juntas. Era seu pai, sua mãe, Don José, os coxos Anselmo e Tomasa. Isso já não era voz não era voz de pessoas, mas sim outro ruído. Muito diferente. E agora, sim, esse do colégio era um bulício forte, de muitos. Paco estava ensurdecido (VALLEJO, 2005, p. 55).

Depois de ser praticamente carregado para a sala de aula pelos colegas, o professor interroga Paco Yunque, querendo saber seu nome completo e indica a carteira ao lado do colega Paco Fariña, para acompanhá-lo no decorrer das aulas, e é este que o defenderá no decorrer da história. A aparente normalidade é bruscamente interrompida pela chegada de Humberto Grieve, filho do prefeito da aldeia, que tem como características ser abusivo e cruel. Paco Yunque é filho de um servo da família Grieve, e sofre humilhação como todas as crianças pobres, enquanto o professor é mostrado como condescendente com o tom

[8]Paco Yunque (1931) foi recusado na época pelos editores, que o consideram demasiado triste.

abusivo do colega. Grieve insiste que Paco Yunque sente-se com ele, porque ele é seu empregado; na hora do intervalo, o senhorzinho faz Yunque de cavalo, chutando-o diversas vezes.

Desta forma transcorre a manhã; no final da aula, Grieve rouba a tarefa de Paco Yunque e a apresenta ao professor como se fosse dele. Assim, o professor o elogia para toda a classe, e o recompensa. Paco Yunque é punido por não ter entregado o trabalho, afinal de contas seu trabalho havia sido roubado por Grieve.

Apresentaremos os personagens centrais do conto: Paco Yunque é o personagem principal, filho de empregados da família Grieve, muito tímido, educado e estudioso. Não possui autoestima, perceberemos isso no seu constante silêncio, no seu medo de defender-se, representará o sujeito subalterno, ou seja, o oprimido.

> Paco Yunque não respondia nada. Esse outro Paco (**Fariña**), o aborrecia. Como esse, eram certamente todos os demais meninos: faladores, contentes e não tinham medo do colégio. Por que eram assim? E ele, Paco Yunque, por que tinha tanto medo? (VALLEJO, 2005, p. 57 - grifo nosso)

Quando o mais fraco não tem a fala como defesa, ele passará a ser massacrado em seu silêncio. "O sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar". (SPIVAK, 1985, p. 28 apud BONNICI, 1998, p. 14). Percebemos que a situação em que se encontra Paco Yunque, de menino recém-chegado do campo para acompanhar o filho dos patrões à escola, o filho da empregada, o coloca em uma posição inferior, sem direitos, sem voz, enquanto o outro ocupa uma posição superior, que o oprime.

Humberto Grieve é o antagonista do conto, pertence à classe alta, mimado, possessivo, mentiroso, acredita que Paco Yunque lhe pertença por ser seu empregado, representa o opressor. ''Humberto, filho do senhor Dorian Grieve, um inglês, patrão dos Yunque, gerente da estrada de ferro da Peruvian Corporation e prefeito do povoado''(VALLEJO, 2005, p.58).

A posição de subalterno de Paco Yunque já está sutilmente implícita na significação do seu nome[9], pois Yunque, em português, significa bigorna, bloco de metal maciço, próprio para levar golpes das ferramentas que ali serão forjadas, mas também é muito resistente, pois apesar dos golpes, ele resiste.

Paco Yunque não fala por medo, ele sabe que desobedecer às vontades de Grieve trará consequências, e ele teme essas consequências.

[9] Onomástica: ato de nomear, dar significação aos seres.

> Mas o menino Humberto ia pegá-lo na saída do colégio, E a mãe de Paco Yunque diria ao menino Humberto: ''Não, menino. Não bata nele.'' [...] Todos, todos, todos tinham medo do menino Humberto e de seus pais. Todos. Todos. Todos. O professor também. (VALLEJO, 2005, p. 67)

O professor é de caráter passivo, castiga os mais fracos, e tolera os erros dos mais fortes. Poderia ser visto como papel de oprimido, porque também tem medo de Grieve e da influência da sua família. Porém, no seu papel de liderança da sala, poderia ter sido a diferença na vida de Yunque, poderia ter repreendido Grieve, pois foi alertado por Fariña.

Ele passa a ser um opressor também. Vejamos o que nos diz o educador Paulo Freire (1987):

> O mesmo se pode dizer ou afirmar com relação ao opressor, tomado individualmente, como pessoa. Descobrir-se na posição de opressor, mesmo que sofra por este fato, não é ainda solidarizar-se com os oprimidos (1987, p. 19).

Podemos citar outro caso em que se confirma o papel de opressor desse professor, quando Antonio Gesdres – filho de um pedreiro – chega atrasado, pois ajudava sua mãe que estava enferma. Vejamos o tratamento dispensado ao filho do pedreiro:

> - Por que o senhor está chegando tarde?
> - Porque fui comprar pão para o café da manhã.
> - E porque o senhor não foi mais cedo?
> Porque estive cuidando do meu irmãozinho, e minha mãe está enferma, e meu pai foi trabalhar.
> - Bom - disse o professor muito serio,
> - Fique aí. E, além disso, o senhor tem uma hora de reclusão.
> [...] Fariña se levantou e então disse: – Grieve também chegou tarde, senhor.
> - Psiu! Silêncio! – disse mal-humorado o professor, e todos os alunos se calaram. (VALLEJO, 2005, p. 60)

Mesmo tendo um motivo nobre que justificasse o atraso, o professor não teve a consideração de dar uma segunda chance ao Antônio, foi injusto com ele. Agora, vejamos o tratamento dado a Grieve, que tinha por hábito se atrasar.

> - Hoje outra vez tarde?
> Humberto com grande desenfado, respondeu:
> - Não consegui acordar, dormi até tarde.
> - Bem – disse o professor. – Que seja a última vez. Entre e sente-se. (VALLEJO, 2005, p. 58)

Mesmo com Grieve falando que se atrasou por preguiça, o professor deu a ele uma segunda chance, e não o deixou de castigo. Mas essa injustiça não passou despercebida pelo nosso Paco Fariña, que, apesar de ocupar um papel secundário no conto, será representativo nessa

análise. Ele não deixa passar essa injustiça, e revela o porquê na diferença de tratamento. ‘’O professor caminhava pensativo. Fariña dizia a Yunque em segredo:- Grieve chegou tarde, e não o castigam. Porque seu pai tem dinheiro. Todos os dias chega tarde.’’(VALLEJO, 2005, p.60)

Paco Fariña será o colega de mesa do Paco Yunque, e como também é chamado de Paco percebemos que ele não pertence à classe dominante, porém não aceita passivamente seu papel subalterno. Ele tem o senso da justiça, defende Yunque, é ele quem denuncia as maldades de Grieve. Ele FALA! Esse personagem representa o emponderamento das pessoas, pois ele age, e utiliza-se da linguagem para alcançar o que almeja. Quem ler o conto ficara extasiado com sua coragem, é um subalterno que luta contra a injustiça da sociedade e utiliza-se da linguagem como instrumento de libertação.

A fala como ataque

Paco Fariña ocupa uma posição de destaque, ele é a voz de protesto do conto, que enfrenta Grieve, que pede para que o professor faça algo em defesa do amigo oprimido, que insiste para que Yunque se defenda.

> –Senhor!- gritou então Fariña. – Grieve está levando Paco Yunque para sua carteira. [...]
> – Grieve levou Paco Yunque para sua carteira. (VALLEJO 2005, p.58)
> [...] – Senhor! Gritou Fariña.- Aí, esse Grieve está me mostrando os punhos.’’ (VALLEJO 2005, p. 61)

Percebemos que a atitude de Paco Fariña é antagônica à de Grieve, ele denuncia o opressor. Mignolo (2003) chamou esse fenômeno de "diferença colonial". Isso também coloca Paco Yunque no papel de subalterno, sem espaço para falar, sempre falam por ele, tanto para ataque como para defesa. “O subalterno – de acordo com Gayatri Spivak - não pode falar, pois se fala já não é. O subalterno é falado pelos outros’’ (ACHUGAR, 2006, p. 20)

Nosso herói não se amedronta perante as ameaças de Grieve; no decorrer do texto percebemos passagens emocionantes de um ato de coragem, pois ele não aceita o papel de subalterno, sem voz, ele se empodera e luta por justiça, deixando de ser subalterno.

> De repente ouviu-se um choro. Era Yunque que estava chorando por causa dos fortes chutes do menino Humberto.
> [...]- Não! Não deixo você saltar sobre Paco Yunque!

> [...] - Porque é seu empregado, você bate nele, maltrata-o, pula sobre ele e faz com que ele chore! Pule de novo e vai ver só! (VALLEJO, 2005, p. 70).

É impossível fazer a leitura do conto e não se sensibilizar com o enredo, se indignar, criar imagens mentais e repassar os detalhes conflitantes. Trazendo a história do conto para uma análise pós-colonial, que por sua vez, tem como foco a humanidade, percebermos que:

> O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda, o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador. Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra (SANTIAGO, 2000, p.16-17).

O ato de falar daria ao oprimido o direito de modificar a sua história. Na sua brilhante obra Pedagogia do oprimido *(*1987*)*, o patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1987), diz:

> A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E ai está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter este poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. (FREIRE, p. 16-17)

A fala de Paco Fariña representa a essência dos movimentos pós-coloniais, é ela que se manifesta contra o que é tido como molde, como catequizador. Freire (1987) diz: ''Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão'' **(**Freire, 1987, p. 44). Assim, o ato de falar faz com que o oprimido abra seu espaço, que conte a sua versão da história.

O empoderamento como libertação

Percebendo a trajetória percorrida pelos estudiosos acima, entenderemos o papel da Literatura nos questionamentos humanos de abusos, de escravidão, de colonização e, quando questionados a respeito da função da Literatura, usaremos a ilustre definição do crítico Antônio Candido (1972, p.803), autor do clássico A literatura e a formação do

homem dizendo que ela recai "sobre a função humanizadora da literatura e a capacidade de confirmar a sua humanidade'' **(**Candido, 1972, p.803).

Para o autor, a principal função da literatura é a de humanizar o homem, pois ao mesmo tempo em que ela o representa também contribui para sua formação. Ela nivela o homem e a personagem, pois ao expressar o meio em que vive desperta no leitor a humanidade existente e reflete a sua vivência. Candido (1972) ainda denomina que as três funções mais importantes da literatura em relação ao homem constituem-se na função psicológica, função formativa e função de conhecimento do mundo e do ser.

Segundo Costa (2007) a leitura deve ser ensinada ao leitor, com mediações eficazes, fazendo que assim, o leitor aprenda com suas experiências literárias. Refletindo acerca do assunto e de acordo com as pesquisas de Fernandes (2011) podemos nos perguntar sobre quem deveria ser os mediadores de leitura em nossa vida, teremos três opções mais utilizadas: escola, professor e família, dos três o que se destaca é o professor, pois, em muitos casos, o futuro leitor só terá a chance dessa mediação na escola, através da figura do professor. O mediador é fundamental para a relação entre leitor e o instrumento de leitura e consequentemente o nascimento do leitor maduro.

Para Paulo Freire (1989 p. 9), ''a leitura do mundo, precede da leitura da palavra'', entende-se, que a leitura nos auxilia a compreender o mundo que nos rodeia. Palavras e imagens vêm ao nosso favor, para que possamos comunicarmo-nos com o nosso meio, esclarece o crítico literário Antônio Candido (2006):

> A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma comunicação. (CANDIDO, 2006, P. 144).

Humanizando o homem através da literatura, falaremos de um termo estudado na literatura pós-colonialista que é o empoderamento. Segundo Valoura (2006), alguns poderão dizer que o autor da palavra empoderamento é o educador Paulo Freire. Na verdade, a expressão deriva do inglês Empowermente e significa dar poder alguém, para que este realize uma tarefa sem pedir permissão a outros, é usada como um termo da Administração.

Já o educador Paulo Freire usa e muito bem o termo no sentindo educacional, como transformador do indivíduo, filosoficamente dando um novo sentido para o termo. Vejamos a definição por Valoura (2006): "Empoderamento pode ser visto como a noção freiriana da conquista da

liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física de qualquer natureza." (VALOURA, 2006, p. 3).

> A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1987, p.23)

Apesar de utilizar pouquíssimas vezes o termo, o autor o defende como instrumento para a transformação social. Freire (1987) acredita que esse seja um pequeno, mas importante salto para a conscientização: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". (FREIRE 1987, p. 39)

Considerações finais

Atos como ler, escrever e falar são formas de se expressar, são práticas necessárias para a convivência e socialização. Assim, apresentamos aqui a fala como mecanismo de poder, pois expõe o posicionamento do indivíduo em relação ao mundo que o cerca. Prática essa possível de ser desenvolvida em sala de aula, pois leva o aluno a argumentar, defender suas ideias fazendo uso de temas relevantes no âmbito social. Nas palavras de Paulo Freire (1987) "Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta pela sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará" (FREIRE, p. 34).

A escolha de um autor latino-americano não foi aleatória, segundo Silviano Santiago(2000) "As leituras do escritor latino-americano não são nunca inocentes. Não poderia nunca sê-lo''(SANTIAGO, 2000, p.22). Quando lemos o conto de Cesar Vallejo, em que o protagonista silencioso é massacrado, enquanto seu amigo faz uso da fala na tentativa de defendê-lo, nos tornamos aliados de Paco Yunque, assim como fez Paco Fariña. Queremos falar, gritar, defender o menino que sofre maus tratos e injustiças, nos identificamos com casos semelhantes ali mesmo, em nossa sala de aula, no pátio da escola, na injustiça cometida por um professor.

Paco Yunque é uma obra de repercussão da América Latina, do seu retrato social e de denúncias do Peru. Apesar de ter uma participação emblemática na literatura hispana, foi pouco traduzida para outros

idiomas. Porém, sua adaptação para filmes[10], áudio livros[11]e diversos HQs[12] tornam suas obras reconhecidas pela crítica social. Explorado em trabalhos acadêmicos, fornece assuntos para várias linhas de pesquisa, como subalternidade, desigualdade, e temas atuais como Bullying. O diferencial deste trabalho é sobre fazer o uso da leitura do conto, em sala de aula, como elemento de empoderamento, baseado na identificação dos elementos da narrativa e realidade.

O ensaísta brasileiro Silviano Santiago (2000) diz que a: "A leitura em lugar de tranquilizar o leitor, de garantir seu lugar de cliente pagante na sociedade burguesa, o desperta, transforma-o, radicaliza-o e serve finalmente para acelerar o processo de expressão da própria experiência (SANTIAGO, 2000, p.20)". É essa inquietação que buscamos quando escolhemos um conto latino para lermos para nossos alunos. A pesquisadora Marisa Lajolo complementa nosso pensamento quando diz de maneira direta sobre a função de um texto: "ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum (...) e o mesmo se pode dizer de nossas aulas (LAJOLO, 1997, p.15)". É o empoderamento demonstrado pela leitura que levará o aluno à palavra que o liberta.

Referências

BARZOTTO, Leoné Astride. *Interfaces culturais*: The Ventriloquist's tale & Macunaíma. Dourados: UFGD, 2011. 303p.

BONNICI, Tomas. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. Bauru: Mimesis, v. 19, n. 1, 1998. pp. 07-23

CANDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem***.** In: *Ciência e cultura*. São Paulo. USP, 1972.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. (revista pelo autor). Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2006.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

COSTA, M. M. da. Metodologia do ensino da literatura infantil. *A formação do leitor e o ensino de literatura.* Curitiba: IBPEX, 2007.

[10] Curta metragem de Ernesto Girbau
https//www.youtube.com/watch?v=dWF_PDmOK-M://
[11]Audiolibro de Producción de Material Auditivo - Tecnología y educación - Lima Perú / 2012 – Producion: Lic. Omar Angel Mamani Rodriguez
[12] Ilustração de HQ por Manoel Loayza. http://www.hdwalls.xyz/images/escenas-de-paco-yunque

FERNANDES, C. R. D. Letramento literário no contexto escolar. In: Adair Vieira Gonçalves; Alexandra Santos Pinheiro. (Org.). *Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente*. 1.ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, v. 01, p. 321-348.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler.* Em três artigos que se completam. (Coleção polemica do nosso tempo; 4). 23. ed São Paulo: autores associados: Cortez, 1989.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços* /tradução de Eric Nepomuceno. 9 ª edição . Porto Alegre: L&PM, 2002. 270p

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade***.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.11ª edição. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.

HOGGART, R. *Everyday Language & Everyday Life*. New Brunswock e Londres, Transaction Books, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática,1997.

LEAVIS, F. R. *The Common Pursuit*, Chatto & Windus: London; Clarke, Irwin: Toronto, 1952.

MIGNOLO, Walter D**.** *Histórias Locais / Projetos Globais:* Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PRYSTHON**,** Angela. *Histórias da teoria:* os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América Latina. Revista Interin, v. 9, n 1, 2012.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural. 2 ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

THOMPSON, E.P. *The Making of the English Working Class*. Toronto: Penguin Books, 1991.

VALLEJO, Cesar. Paco Yunque. In: RAMAL, Alicia (Org.). *Contos latino-americanos eternos*. Rio de Janeiro: Bom texto, 2005. pp.55-73.

VALLEJO, Cesar. *Antologia Poética de César Vallejo* - seleção, tradução prólogo e notas, José Bento, ed. Relógio D'Água, Lisboa, 1992.

VALOURA, Leila de Castro. *Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo Empoderamento em seu sentido transformador*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2006. Disponível:<http://siteantigo.paulofreire.org/pub/>Acesso em: 8 de Janeiro de 2015.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*: 1780-1950. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

[i]E-mail da autora: kellywara@gmail.com